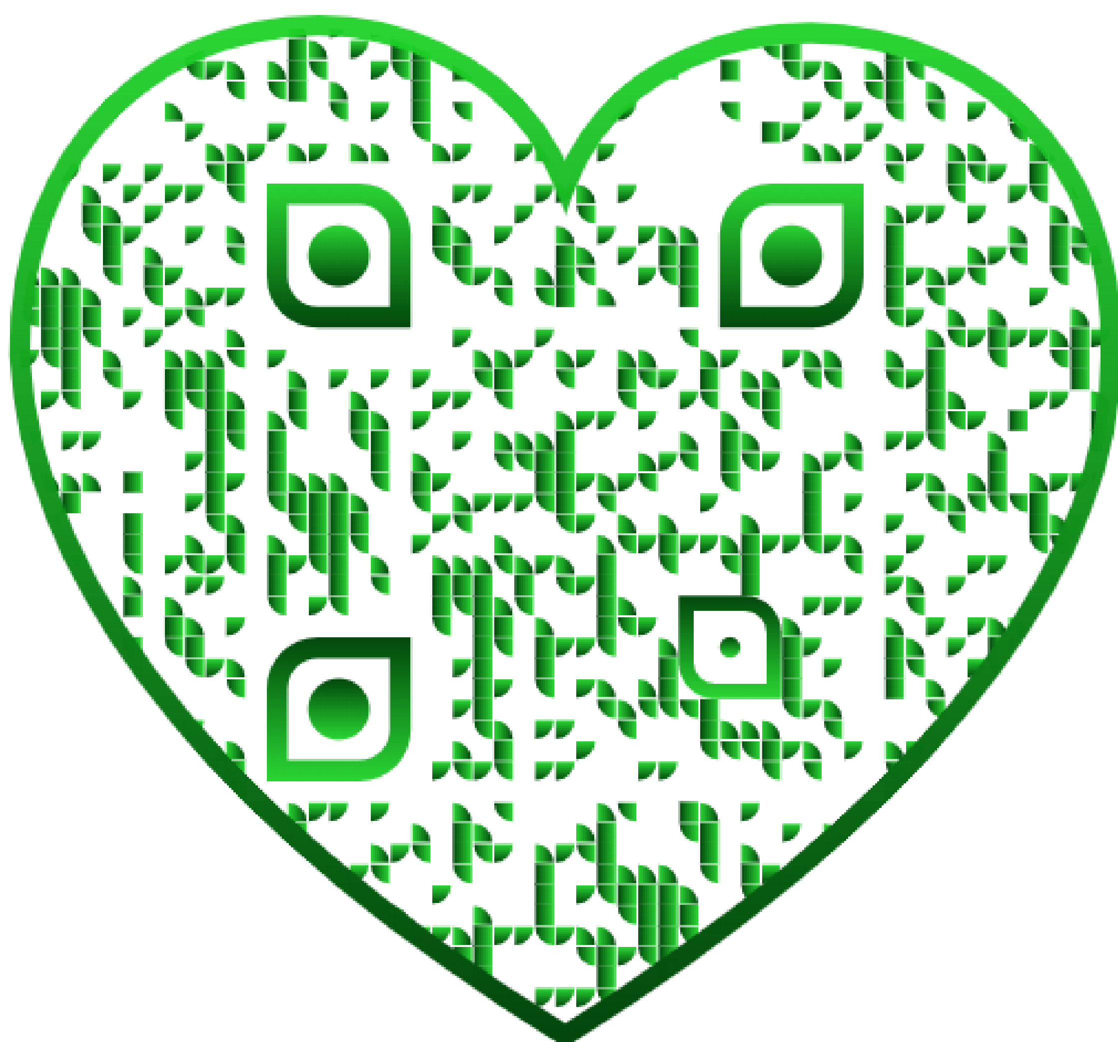
HIS DARK MATERIALS

OS COLECIONADORES

UMA HISTÓRIA FRONTEIRAS DO UNIVERSO



PHILIP PULLMAN



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor, ou usados de maneira ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é inteiramente coincidente.

Copyright Texto © 2014 por Philip Pullman. Todos os direitos reservados. Publicado nos Estados Unidos pela Alfred A. Knopf (um selo da Random House Children's Books, divisão da Penguin Random House LLC, Nova York). Publicado originalmente como um audio book pela Audible, Grã-Bretanha, em 2014. Sem edição oficial para a língua portuguesa.



Esta é uma tradução **não-oficial** feita de fã para fã, disponibilizada com o objetivo de fornecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo.

Caso queira contribuir para a revisão desta edição, encaminhe suas observações ao endereço flavio.caique@gmail.com, colocando no Assunto “Tradução — Pullman”.

OS COLECIONADORES

Uma história *Fronteiras do Universo*

Philip Pullman

Tradução de Flávio Caique

Fronteiras do Universo, de Philip Pullman

A Bússola de Ouro
A Faca Sutil
A Luneta Âmbar

A Oxford de Lyra
Once Upon a Time in the North
O Livro das Sombras, Volume I: La Belle Sauvage

— Mas o fato é que — disse Horley. — eles não se conheciam. Sequer ouviram falar um do outro. O importante não são os autores, mas as obras.

— E como você soube disso? — perguntou Grinstead.

— Ouvi do comerciante que me vendeu a pintura. Falcondale. Max Falcondale.

— Confiável?

— Bem, dentro dos limites, você sabe, mas de qualquer maneira eu já tinha comprado o retrato. Ele só queria contar a história.

Era dezembro de 1970, e eles se acomodaram na Sala de Estar Sênior da faculdade de Horley depois do jantar. Fazia frio, e a refeição tinha sido parca e sem graça, culminando em um pudim de nozes que se assemelhava mais a cimento fresco. A pequena chama que vinha da lareira tinha forças somente para aquecer o tapete à sua frente, deixando os cantos da sala à própria sorte. Era mais fácil se aquecer junto às luminárias que ladeavam a lareira. O grupo que se encontrava no recinto não era grande: o bibliotecário, o capelão, dois rapazes que ninguém parecia conhecer, um professor visitante de Filologia e Grinstead, o convidado de Horley da noite.

Enquanto os demais discutiam política europeia, Horley e Grinstead, dispostos, respectivamente, em um sofá e uma poltrona sob as sombras, falavam baixinho sobre um quadro que Horley adquirira. Depois de tomar um gole de seu conhaque, Grinstead disse:

— Bem, me diga então o que Falcondale lhe contou.

— Ele me contou a história da forma que ouviu da filha do pintor. Leonora Skipton. Seu pai costumava pintar paisagens em um estilo meio Impressionista de segunda mão, nada muito original, mas eram quadros suficientemente agradáveis. Ele raramente fazia retratos, o que torna essa obra excepcional. Falcondale não tinha a menor ideia de quem era a modelo. Uma jovem de cabelos louros com uma expressão incrivelmente ambígua: em um momento ela parece fria, desdenhosa, insolente até; em outro, emana uma espécie de sentimento ardente de perda e desesperança, mas que é, de alguma maneira, também muito atraente. É um retrato bem marcante.

— E o que ela está fazendo?

— Está sentada à frente de algo como uma cortina rosa empoeirada, as mãos entrelaçadas e usando uma blusa azul-marinho com uma saia cor de creme. Muito básico, muito simples. Toda força do quadro está no rosto.

— Não era a filha… Leonora? — perguntou Grinstead.

— Não. A filha não suportava o retrato… detestava-o. Ela foi até a galeria de Falcondale para certificar sua autenticidade e revelou que seu desejo era queimá-lo no dia que foi pintado. Isso foi tudo o que teria dito. Já estava em idade avançada — deve ter quase uns cem anos. Ah, Falcondale me mostrou também uma carta impressionante…

— E a outra peça?

— Uma escultura de bronze pequena, cerca de trinta centímetros. Francesa, estilo simbolista, como acho que você chamaria. Um macaco… ou um chipanzé — eu nunca lembro a diferença — sentado com uma das mãos erguida em nossa direção, ou, você sabe, como se fosse apanhar uma fruta ou outra coisa. Sua expressão é essencial aqui também: de absoluta selvageria e brutalidade. Uma coisa horrenda de se olhar — não sei como alguém suportaria tê-la por

perto. Mas de fato foi muito bem esculpida, você sabe, cada pelo, cada garrinha, tudo no seu lugar, perfeita. E no corpo há uma tensão, uma energia… Parece que a qualquer momento ele pode pular no seu rosto e arrancar seus olhos. Uma coisa medonha, realmente, mas brilhantemente esculpida.

— E quem é o autor?

— Marc-Antonie Duparc. Já ouviu falar nele?

— Na verdade, sim. Simbolista de "grandeza menor", como você diz. E esse bronze teve uma boa saída? Há muitos deles?

— Eu ficaria surpreso se houvesse algum outro. Só existe esse.

— Ele tem uma cauda?

— Sim, acho que sim. Enrolada em volta dos pés.

— Então é um macaco.

— Ah, essa é a diferença? Bem, trata-se de um macaco então.

O professor de Filologia pôs-se de pé com algum esforço, meneando o corpo.

— Foi uma noite muito agradável, fico muito grato pela hospitalidade. Se algum dos cavalheiros puder ser gentil… eu esqueci onde fica o meu quarto. Ficaria muito agradecido se algum dos senhores se oferecesse como guia, ou ao menos desse uma indicação para onde devo ir…

O homem quase perdeu o equilíbrio por um instante, e buscou apoio na cornija da lareira para não cair. Um dos jovens se levantou e ofereceu ajuda. O capelão ergueu-se para apertar a mão do professor, e o bibliotecário seguiu seu exemplo. Foi preciso ao menos dois minutos para tirar o pobre homem da sala e colocá-lo em seu sobretudo. O bibliotecário voltou-se para as chamas na lareira.

— Vale a pena mais um pouco de lenha? — ele perguntou, embora certamente pensasse que aquilo seria um gasto irreparável.

— Isso é zimbro, eu presumo — disse Grinstead.

— É, sim, meu caro. Os últimos de uma grande remessa vinda da área florestal da faculdade em Gales. Área hoje já vendida, lamento muito dizer.

Ninguém disse mais nada. O bibliotecário soltou um suspiro quase inaudível, ergueu o menor tronco do cesto e colocou-o à beira do fogo.

— Bem, vou checar se o professor achou o caminho de seus aposentos — ele disse. — Boa noite, cavalheiros.

Ele saiu, e a sala foi tomada por um silêncio.

— Bem, vou me recolher também — disse o capelão, um senhor já de idade, depois de uma pausa. — Boa noite, Horley. Boa noite, cavalheiro — dirigindo-se a Grinstead. — Boa noite, er…humm — disse ao outro rapaz que permanecera na sala. Este se levantou para um aperto de mãos antes de acenar um "boa noite" a Horley e Grinstead e também partir.

Horley foi em direção à lareira para posicionar o zimbro mais ao centro do fogo e acrescentou mais uma tora do cesto antes de acomodar-se na poltrona sob a luminária.

— Venha para cá — ele disse. — Faz um baita frio longe da lareira. Isso é típico do Bolton, essa relutância em colocar mais lenha. A avareza impera neste lugar. Você acredita que o sistema telefônico daqui é tão antigo que se o porteiro não estiver fisicamente presente na central telefônica, nenhum de nós pode fazer uma ligação?

— Impressionante — respondeu Grinstead. Ele se sentou no sofá da frente e lançou um olhar para as paredes revestidas de painéis escuros, com cinco ou seis retratos de antigos reitores e contribuintes.

— Não são lá essas coisas, não acha? — Horley comentou. — O retrato que Millais fez do Reitor Ledger não é tão ruim, mas os outros… — e fez um aceno desdenhoso.

— Você estava me contando sobre o macaco de bronze — retomou Grinstead.

— O macaco. Sim. Bom, ele em si não valia… não vale muita coisa, mas de fato é bem incomum. Você precisaria ter um gosto bastante peculiar para querer uma coisa daquelas lá sentada, olhando para você com tamanho ódio no rosto. Falcondale tinha uma cópia do histórico de compradores — a peça chegara às suas mãos um ou dois anos antes de chegar a mim — e o documento me pareceu bastante fidedigno. Modelado por Duparc, foi descartado por Barbedienne, comprado pelo Duque de Sèvres, depois passou rapidamente por várias mãos, fez parte de uma mostra de bronzes parisienses em Londres, já foi arrematado pela Maeterlinck Gallery, e por aí vai. Tudo perfeitamente nos conformes. O que é de se estranhar é a quantidade de vezes em que fora vendido e o quão rápido isso acontecia; como se as pessoas não vissem a hora de se livrar dele, embora nunca faltassem compradores.

— Por que compravam se era tão horroroso?

— Isso eu não sei lhe dizer.

— Então por que *você* comprou afinal?

— Ah, mas aí é que está, eu não o comprei. Chegamos agora ao centro do mistério: parece que, por acaso, meramente por acaso, o bronze e a pintura sempre acabam juntos na mesma coleção. Alguém comprava a pintura, então alguns meses depois o bronze entrava em leilão e era arrematado pelo mesmo comprador, ou ocorria o inverso. Ou então alguém comprava a pintura e recebia o bronze de brinde, ou o ganhava em uma aposta, coisas desse tipo. Sem ninguém planejar, a pintura e o bronze acabavam juntos no mesmo lugar, uma vez atrás da outra. Falcondale foi o primeiro a notar isso. Quando ele me contou, claro que eu não acreditei, mas os registros não o deixam mentir, ele seguiu todo o caminho percorrido pelas peças. Tive de admitir que realmente estava acontecendo algo.

— Então quem foi o último comprador do macaco?

— Um homem que estava me devendo. Ele me comprou um *mezzotint*[*] de Charpentier e nunca pagou. Meu advogado ficou na sua cola e ele me ofereceu o macaco como pagamento. Na avaliação de Bonnier, o bronze valia um pouco mais do que ele me devia, então resolvi aceitar. Até aí eu não fazia ideia da conexão entre as peças. Foi somente na semana passada, quando comprei o quadro, que Falcondale me contou tudo.

— Você tem certeza que ele não inventou essa história?

— Tenho sim. A coisa toda vem acontecendo bem antes de ele ter nascido. Antes de qualquer um de nós ter nascido.

— Você ia me contar algo sobre uma carta.

— É verdade. Falcondale tinha uma carta que uma mulher de Moscou enviou a uma prima distante que morava em Londres; ele me deu uma cópia. Ela era algum tipo de pequena aristocrata. Foi escrita em francês há uns setenta anos, antes da revolução, e narrava um escândalo em seu círculo social. O marido de uma amiga dela era diplomata e, em certa ocasião, ele representava a Rússia em alguma negociação da alta política em Paris quando alguém o mostrou a escultura do macaco. Ele gostou bastante da peça, fez uma oferta — que foi aceita —, e o bronze voltou em sua mala para Moscou. Sua esposa odiou a escultura no exato instante em que pôs os olhos sobre ela, e queria aquela coisa fora de sua casa. Para ela, o macaco era a

[*] N.T.: A palavra vem dos termos italianos *mezzo* (“meio”) e *tinta* (“tom”). Refere-se a uma técnica de pintura por gravação desenvolvida no século XVII que permite a criação de imagens com gradações suaves de tons por meio da raspagem de placas de cobre.

personificação do próprio mal, mas seu marido bateu os pés e estava decidido a manter a aquisição. Então a mulher consultou um padre, que tentou exorcizar o objeto. Ele passou uma noite inteira no salão onde o marido mantinha a coisa, rezando e fazendo todas aquelas coisas que eles fazem, você sabe. Quando a mulher desceu pela manhã, encontrou o padre morto no chão com a cabeça esmagada. O macaco estava no aparador, coberto de sangue.

— Santo Deus! — exclamou Grinstead. — E quem fez isso?

— Nunca descobriram. O marido ficou bastante abalado, é claro, e depois que a polícia levou a peça como evidência, ele nunca fez questão de pedi-la de volta. No fim das contas não conseguiram encontrar nenhum culpado pelo que aconteceu, então depois de um ano levaram o macaco a leilão. Ele foi comprado por um colecionador, que rapidamente o doou a uma galeria de Moscou, e lá ele ficou, veja só, no mesmo salão em que a pintura estava. Outra vez.

— E agora ele é seu — Grinstead comentou depois de tomar o último gole de seu conhaque. — Ambos são seus.

— Sim, os dois.

— E você pretende ficar com eles?

— Estive pensando — respondeu Horley —, e acho que, por travessura, vou dar uma mexida no meu testamento. Deixarei a pintura para a faculdade, e o macaco para a Merton. — havia uma rivalidade antiga entre a faculdade de Horley e a Faculdade Merton.

— Bem bolado — Grinstead assentiu com um aceno. — Vai me mostrar as peças?

— Ah, você quer vê-las? — Horley disse fingindo surpresa. — Eu ainda não desembalei o macaco. Chegou hoje pela manhã.

— Bom, vamos abri-lo então — sugeriu Grinstead —, esse lugar está ficando cada vez mais frio.

Uma chuva fina e gelada caía no pátio quando eles se dirigiram aos aposentos de Horley. Pelos prédios antigos só se viam as luzes de dois quartos ainda acessas, e quando Grinstead olhou ao redor, uma delas se apagou.

— Quem era esse sujeito que lhe devia dinheiro pelo *mezzotint*? — Grinstead perguntou.

— Rainsford. Sempre tive um pé atrás com esse cara. Conhece?

— Comprei um desenho na mão dele uma vez, um Vernet. Era falso.

Eles subiram as escadas que davam para o quarto de Horley. A luz do corredor era ligada a um temporizador e, no instante em que Horley buscava desajeitado a chave correta, a lâmpada se apagou.

— Mais sovinaria — ele disse. — O que custaria a eles nos dar uns trinta segundinhos a mais de luz? Enfim… — Horley abriu a porta e deu passagem ao convidado. — Seja bem-vindo ao quarto mais quente do prédio.

— Minha nossa! É mesmo! — Grinstead comentou.

Era realmente quente — na verdade, sufocante. A lareira a gás queimava ferozmente, as cortinas pesadas pendiam estanques contra a corrente de ar, e todas as três barras de um fogão elétrico ardiam vermelhas, preenchendo o espaço com um odor de poeira queimada. Grinstead tirou seu sobretudo imediatamente. Horley pendurou sua beca, jogou as chaves na escrivaninha, procurou algumas taças de vinho e tirou alguns livros da mesa ao lado do sofá.

— Acho que podemos economizar um pouco — disse, e desligou uma das barras do fogão elétrico.

— Pode ter certeza que estou aquecido o suficiente. É assim que você vive, Horley? Nesse calor de um banho turco?

— Apenas por malcriação. Gosto de ficar imaginando a cara do tesoureiro quando as contas chegam. Claret?

— Oh, sim, obrigado. Não muito, por favor. Onde está a pintura?

— Tudo a seu tempo — Horley respondeu parecendo um tanto quanto nervoso.

Grinstead sentou-se o mais distante que pôde da lareira e pegou a taça que Horley o entregara. O vinho tinha um gosto azedo e desagradável, assim como o do jantar.

— Você se lembra do primeiro retrato que comprou? — Grinstead perguntou.

Horley estava ajustando o ângulo de um abajur de modo que a luz caísse sobre a mesa à frente.

— Lembro, sim — confirmou. — Um postal vagabundo que comprei no Egito enquanto estive em serviço militar. Guardei ele por uma semana, então me senti um pouco envergonhado e o joguei fora. Digo, a composição era *lamentável*. Nunca mais cometi um erro desses.

— O começo de uma carreira de sucesso.

— Bem, aqui está, não é de se admirar que ela, quem quer que seja…

A imagem repousava em um pequeno cavalete sobre a mesa, uma coisinha pequena, não tinha mais que quarenta centímetros de altura e trinta de largura. Horley tirou o pano de veludo preto que a cobria com um floreio bobo, o que fora ignorado completamente por Grinstead. A pintura, um óleo sobre tela adornado em uma bela moldura dourada, brilhava sob a luz do abajur como se a tinta ainda estivesse fresca. A jovem dama posava modestamente, as mãos entrelaçadas, a cabeça levemente inclinada, o cabelo loiro encaracolado preso frouxamente por uma fita vermelha. Os olhos de Grinstead estavam fixos no rosto da moça, e Horley espantou-se com a intensidade no olhar do visitante, até lembrar-se que, afinal de contas, o homem era um colecionador. Só que aquilo era mais do que o interesse de um comprador: sua expressão era feroz. As mandíbulas de Grinstead se moviam — Horley podia ver os músculos trabalhando —, e os lábios se contraíram, de modo que seus dentes cerrados estavam à mostra.

— Você já… você já tinha visto ela antes? — Horley questionou.

— Já. Eu sei quem é.

— Santo Deus! De onde a conhece?

— Fomos amantes.

— Ah, qual é?! — Horley duvidou. — Qual o nome dela, então?

— Marisa van Zee.

Os olhos de Grinstead não deixavam o rosto da jovem. Horley seguiu o olhar do colega, e a pintura parecia mostrar agora outra de suas mudanças de expressão: havia uma pequena curva de satisfação em algum lugar nos olhos e boca da modelo, embora ele não soubesse identificar precisamente onde.

— Mas, Grinstead, essa pintura deve ter uns setenta anos, quase oitenta! Você não pode estar falando sério, digo… Você quer dizer que…

— Quero dizer que a conhecia, e por um breve período fomos amantes. Nunca vou encontrar alguém mais extraordinário que ela.

— E isso foi *depois* do quadro ter sido pintado? Quando ela já era uma senhora? É isso que quer dizer? Ora, cara! Vamos lá, pelo amor de Deus! Eu sei que a gente bebeu uma boa quantidade…

— Aquilo estava longe de ser uma boa quantidade, Horley, e o vinho estava horrível. Não sei como você ainda não entornou aquela adega na sarjeta e montou uma nova. Quem é seu fornecedor?

— Lepson, mas…

Horley afrouxou o maxilar e começou a piscar com força, como se estivesse se esforçando para arregalar os olhos, depois enfiou a mão na jaqueta e começou a se coçar com força.

— Qual o problema?

— Uma irritação. Está me tirando do sério.

Há alguns minutos, Horley estava se esforçando para não se coçar, mas já não conseguia mais se conter. Piscou outra vez e sentiu-se como se não tivesse plena consciência do que estava acontecendo.

— Desculpe, Grinstead — ele disse —, eu não… eu não sei o que dizer.

— Não se preocupe. Não precisa dizer nada. Conheço essa pintura há pelo menos metade da minha vida e devo dizer que estou muito grato a você, Horley, de verdade.

— Então você *sabia* dela?

— Eu estava lá quando Skipton a pintou.

— E a história do macaco e tudo mais?

— Sim. Eu já conhecia. Já ouvi ela uma dúzia de vezes, sempre incorreta. Conheci Marisa van Zee no estúdio de Skipton quando ela tinha dezoito anos. Eu era cinco anos mais velho. No mesmo instante, reconheci nela algo que você não poderia imaginar.

— E o que seria?

— Ela tinha vindo de outro mundo.

O fogão elétrico emitiu um clique enquanto a barra de metal, desligada, se ajustava relutante à sua nova temperatura. Os sons que a lareira a gás emitia eram os únicos a preencher o recinto, embora Horley pudesse jurar estar ouvindo claramente as batidas de seu próprio coração. A coceira crescia e agora era insuportável.

— Você está sendo metafórico, é claro — ele disse —, sobre conhecer ela e tudo mais. Digo, você sabe, *oitenta anos*. Nós devemos ter quase a mesma idade, e eu não… eu… desculpe, não estou conseguindo te acompanhar. O que disse? Outro mundo?

— Existem vários mundos, Horley, vários universos, uma infinidade deles, embora nenhum saiba da existência dos outros. Exceto quando, em intervalos muito raros, uma brecha surge entre dois mundos, uma pequena fenda, e por ela as coisas viajam. Quando você toma conhecimento disso, começa a identificar elementos que não são daqui. Um tipo diferente de luz parece agir sobre eles. Aquele pequeno elefante de cerâmica em sua prateleira, por exemplo, suponho que tenham lhe dito que é assírio, não foi?

— Na verdade, sim.

— Pois bem, não é. Ele veio de outro mundo. Não saberia lhe dizer de qual, só posso afirmar que não é desse.

— Entendo… e você conheceu a jovem por causa de Skipton? — Horley perguntou tomando fôlego, pois sentia-se fadigado, como se tivesse acabado de sair de uma corrida.

— Por causa do velho Garnier. Bertrand, o negociante, não seu irmão François. Trabalhava para ele quando precisei visitar Skiptor para resolver alguma coisa, e lá estava ela. Foi instantâneo. Naquele mesmo instante, soube que ela era de outro mundo, e ela sabia que eu sabia.

— Outro mundo… sim, claro. E como ela veio parar aqui? Em um disco-voador?

Horley chegou a vacilar quando viu o olhar que Grinstead lhe lançara.

— Eu estou falando sério, não tire sarro disso — advertiu Grinstead.

— Não, não… Eu não estou, juro. Eu não… é só que… é tudo tão *incomum*. Acho que você me entende.

— Entendo, sim. É uma reação bem compreensível. Bom, em teoria, todos esses mundos são mutuamente inacessíveis, a física não permitiria que fosse de outra maneira. Mas, na prática… há buracos em toda a estrutura. Muitas vezes, algumas coisas são colocadas no beiral de uma dessas fendas por exemplo, que se abre uma vez, muito brevemente, para outro mundo.

Alguém que passa por ali se encanta por aquilo e pronto, elas nunca mais são vistas. Seu pequeno elefante de cerâmica, Marisa van Zee, um melro aqui, um sinal de ônibus lá… Um garotinho que brinca com sua amiga imaginária por horas, que lhe sussurra segredos, juram amor eterno, fingem ser rei e rainha… Acontece que a amiga não é imaginária. Ela vem daquele pedaço de muro caído atrás da estufa, até que, um dia, alguém decide consertar o muro, e ela desaparece para sempre. Ou talvez seja aquela casa que você viu da janela do trem, um pequeno vislumbre do que seria a moradia perfeita, e, mesmo que você faça essa viagem de novo, e de novo, nunca a vê novamente. Bom, é isso o que vem acontecendo: uma infinidade de mundos com mil e uma pequenas fendas na tecitura que os une.

— E esses outros mundos… são todos iguais a este?

— Não. Alguns deles são bem parecidos, com exceção de poucos detalhes. Por exemplo, imagine um mundo exatamente como este, mas onde cada ser humano tem uma espécie de animal guia que o acompanha a todo instante. Uma espécie de guia espiritual visível, um totem, esse tipo de coisa. Parte de si mesmo, só que fora do seu corpo.

Horley olhou para a pintura e secou o suor que lhe escorria a testa.

— Eu não tenho certeza se consigo imaginar algo do tipo. Por quanto tempo vocês…?

— Ficamos juntos? Menos de um mês. Havia coisas que ela não queria me contar, supus que fosse algo da alta política, negociações importantes, segredos diplomáticos, mas respeitei sua discrição. Nesse meio tempo, Skipton pintava o quadro.

Horley estava se coçando novamente e respirando com certa dificuldade.

— Mas, Grinstead — disse —, isso foi há oitenta anos, e você não tem nem cinquenta. Não consigo entender seu papel nisso tudo. Você está falando de si mesmo, ou de outra pessoa? Isso é algum tipo de ficção?

— É a mais pura verdade. Realmente aconteceu comigo. O tempo passa de maneira diferente em outros mundos. Pode ter sido oitenta anos em uma perspectiva, mas as coisas não se alinham sempre perfeitamente.

— Então… — Horley movia a mão frouxamente no ar, como se tentasse pegar partículas de poeira. — Então você e Marisa vieram do mesmo mundo?

— Não foi bem isso o que eu disse.

— Não, claro que não. Grinstead, o que… — Horley estava agora tentando se lembrar de como essa noite havia começado. Certamente fora ele quem convidara Grinstead para o jantar, já que estavam agora em sua faculdade, mas como foi que eles se conheceram afinal? Isso tinha fugido completamente da sua cabeça. — Acho que estou um pouco bêbado — disse com toda lucidez.

— Você ia desembrulhar o macaco.

— Ah, sim, o macaco… Bem, é melhor libertar logo aquela pequena besta de sua jaula. Fique aqui.

Horley se levantou vacilando um pouco e puxou uma caixa de madeira debaixo da mesa. Estava selada de forma impecável com pregos e muita *silver tape*.

— Esses pregos estão um pouco enferrujados — alertou Grinstead. — Tome cuidado quando for tirá-los.

Horley mexia em uma gaveta atrás da escrivaninha.

— Vejamos… aqui está — disse, e tirou de lá um alicate.

— Você vai precisar de algo melhor, algo mais apropriado para tirar pregos.

— Ah, não, isso vai servir. Já abri várias caixas com ele.

Ele tentou colocar o alicate por debaixo da *silver tape* e empurrá-la para cima, sem sucesso. Voltou-se então à cabeça do prego, mas não conseguiu fisgá-la uma única vez.

— Chave de fenda — disse. — Ali na gaveta, Grinstead, se importa?

Grinstead colocou sua taça no chão e foi olhar a gaveta. Nela havia uma chave de fenda cuja cabeça já se encontrava gasta e arredondada. Horley a pegou e foi abrindo caminho por debaixo da fita, empurrando-a para cima com tanta força que, em dado momento, a haste da chave se torceu. Grinstead sentou-se de novo para assistir a cena. Horley tentou então encaixar a ferramenta debaixo da tampa da caixa, e foi preciso mais de uma tentativa até que conseguisse acertar. Com um movimento de alavanca, a madeira cedeu, mas só naquele lugar. O anfitrião levantou-se para tirar a jaqueta. Estava suando, e em seu rosto via-se agora algo como uma irritação cutânea.

— Um martelo — disse —, é disso que precisamos.

— Você vai quebrar a caixa toda?

— Não, não. Vou levantar, você sabe, levantar os pregos com a cabeça do martelo. Não sei como não pensei nisso antes.

Na gaveta havia um martelo. Horley o pegou, estufou as bochechas e começou a trabalhar. Após várias tentativas conseguiu retirar metade de um prego. Grinstead observava tudo atentamente.

— Olha só! Persistência. Isso é tudo que você precisa — Horley disse a si mesmo.

— Exatamente.

— Agora, é só fazer em todos.

— Você está quase lá.

— Com certeza.

Horley continuou batendo, alavancando, puxando até que, finalmente, conseguiu retirar a fita do topo da caixa. Ele se levantou arquejando, sua respiração ofegante.

— Grinstead, se importa de terminar? Não tenho certeza se eu…

O convidado pegou o martelo e retirou os pregos, não levando mais que um minuto para tal. Ergueu a tampa da caixa e colocou-a de lado, então enfiou a mão no emaranhado de papel amassado e serragem que embalavam o bronze.

— Ah, aqui está — Grinstead disse e levantou a peça, desembrulhando-a da última camada de papel de seda antes de repousá-la na mesa ao lado do retrato. Era tão repulsiva quanto se lembrava, então voltou-se para Horley, que tinha no olhar uma expressão de horror.

— Você certamente já o tinha visto, Horley…

— Não, não é isso… — Horley vacilou, e o retrato balançou em seu cavalete. — Grinstead, eu não estou me sentindo muito bem… Oh, Deus…

Ele saiu tropeçando em direção ao dormitório e abriu a porta bem a tempo de vomitar na pia dentro dele. Sua respiração estava ainda mais alta, aguda e trabalhosa, parecia um ataque forte de asma. Grinstead levantou-se e consultou o relógio, era quase uma da manhã.

— Horley? Você está bem? — a respiração do homem estava ruidosa.

— Não consigo respirar — ele conseguiu dizer com esforço.

— Vou chamar uma ambulância. Você não parece nada bem.

— Não… não dá para telefonar daqui depois da meia-noite… o porteiro já saiu de serviço… Oh, Deus… — e vomitou novamente. — Vá, vá até a guarita, ligue de lá… Grinstead, eu estou com medo…

— Irei o mais rápido que posso.

Grinstead saiu e ligou o interruptor no patamar da escada. A luz se apagou antes que ele terminasse de descer. Parou na soleira da porta e acendeu um cigarro. A chuva havia parado, mas a umidade no ar se acumulava em uma névoa densa que dava aos prédios a impressão de estarem se dissolvendo. Atrás do telhado escuro da capela, o ar estava saturado com o brilho

laranja que vinha da rua. Um mecanismo começou a zunir baixinho, então o sino da capela soou uma vez. Grinstead terminou seu cigarro e subiu novamente as escadas, tomou fôlego e olhou para dentro do quarto. Horley estava morto.

Ele fechou a porta e se virou à procura de algo para guardar o retrato, então viu debaixo da mesa a pasta de Horley, abarrotada de livros e papéis. Jogou tudo no chão e descobriu que, com um pouco de persuasão, a pintura se encaixava perfeitamente nela. Seria uma pena cortá-la da moldura, que também era bonita e lhe caia muito bem. Grinstead então pegou um lápis da escrivaninha e moveu o molho de chaves até ver aquela que Horley usara para abrir a porta do jardim, por onde entraram na faculdade mais cedo. Usando um lenço para não deixar impressões no restante do molho, retirou a chave do jardim e guardou-a no bolso. Olhou ao redor. Não havia nada que denunciasse um assassinato, porque não houve um assassinato afinal de contas. Dois homens tinham vindo aqui para tomar um drinque e admirar uma escultura de bronze que, anteriormente, estava na caixa (ele pegou um pouco de serragem e jogou sobre a peça). O convidado se foi e o outro homem fora acometido por algum tipo de intoxicação alimentar. Incapaz de chamar por ajuda, acabou morrendo em seu quarto.

Grinstead saiu com a pasta, tomando cuidado para não fazer muito barulho. Não havia necessidade de levar o macaco, ele acabaria seguindo seu caminho. Percorreu o pátio em direção ao jardim, atravessou a porta, trancou-a com a chave e seguiu para seu hotel em meio à névoa gelada. Na esquina da High Street, um táxi vinha em alta velocidade e o acertou. Grinstead estava praticamente imperceptível em seu sobretudo escuro e deveria ter parado para garantir que a rua estava livre. Mas o motorista também deveria dirigir mais devagar com uma visibilidade tão limitada — no fim das contas, o juiz entenderia que ambos eram culpados. A pasta voou da mão de Grinstead e pousou na calçada logo depois que sua cabeça batera na via. Ele morreu na hora.

—

— Choque anafilático — disse o tesoureiro ao capelão quando estavam no quarto de Horley alguns dias depois.

— E o que seria isso?

— Quando se come algo que você é alérgico. Nozes, na maioria das vezes, o que parece ter sido o caso dele.

— Nós não comemos aquele delicioso pudim de nozes na noite do ocorrido?

— Não sei, não estive no jantar daquela noite. Imagino se… bem, agora já não fará mais diferença…

— Mas se ele realmente fosse alérgico a nozes, não saberia?

— Muitas vezes, não. Às vezes, você só descobre quando a coisa acontece, o que pode ser de imediato ou depois de algumas horas. A partir daí, então, só se tem alguns minutos.

— Pobre homem — lamentou o capelão. — Acredito que o convidado dele já tinha se retirado a essa altura.

O tesoureiro olhou de soslaio para o colega, que admirava com um ar melancólico o macaco de bronze.

— É o que podemos supor — disse.

— E quanto às suas posses? Ele tinha uma vasta coleção de pinturas e outras coisas.

— Teremos que fazer um inventário. Ao que parece, ele não tinha parentes próximos, a não ser uma irmã solteira, e eu nem sei se ele deixou um testamento. Ainda há muito trabalho a se fazer.

— E o que você está carregando nesse embrulho, Charles? Era algo dele?

— Bem… — disse o tesoureiro. — É um tanto quanto estranho, na verdade. Nessa mesma noite, parece que um sujeito foi atropelado na altura da High. Você se lembra como estava nublado, não é?

— Oh, sim. Terrível.

— Pois bem, esse sujeito era o convidado do Horley. *Tinha sido* seu convidado na noite, como queira. Morreu imediatamente.

— Céus! Os dois morreram na mesma noite?!

— E parece que ele estava carregando a pasta do Horley com esta pintura.

O tesoureiro desembrulhou o quadro do papel kraft e posicionou-o no pequeno cavalete ao lado do macaco.

— Então, o que acha, Eric?

Os velhos olhos azuis do capelão estavam arregalados.

— Extraordinário! Você acha que Horley tinha lhe dado a pintura? Ou talvez acabado de lhe vender? Que transação trágica!

— Se ele a vendeu, haveria um recibo ou algo do tipo, mas não achamos nada. E, como não há evidências de que pertencia ao outro homem, podemos assumir que o quadro era do Horley. Colocaremos ele no inventário.

— Que moça formidável. Sabe quem é ela?

— Não faço ideia — respondeu o tesoureiro —, mas parece estar extremamente satisfeita.

Uma nota de Philip Pullman

Eu comecei a contar histórias assim que aprendi o que histórias são. Fiquei fascinado por elas — fascinado que algo poderia acontecer e estar conectado com uma outra coisa, e que alguém poderia juntar essas duas peças e mostrar como a primeira causou a segunda, que por sua vez implicaria em uma terceira coisa. Eu amava isso. Ainda amo.

Cresci em um tempo onde a TV não tinha a mesma importância que tem hoje. Na verdade, passei parte da minha infância na Austrália, quando nem havia TVs por lá, então muitas das minhas primeiras experiências com histórias vieram do rádio (um veículo espetacular, por sinal). Lembro de ficar ouvindo seriados de gângsteres, cowboys e o melhor de todos: "Mais rápido que uma bala! Mais forte que uma locomotiva! Capaz de saltar sobre os prédios mais altos com um simples pulo! Olhem, lá no céu. É um pássaro. É um avião. Não, é o SUPER-HOMEM!".

Ouvir o Super-Homem no rádio era maravilhoso, mas quando li pela primeira vez uma história em quadrinhos dele, minha vida mudou de vez. Logo depois, descobri o Batman, que amei ainda mais. Tive algumas discussões com meus pais por causa das histórias, pois eles não achavam que aquilo era leitura "de verdade". Acho que o que acabou os persuadindo eles a me deixarem continuar com os quadrinhos foi o fato de que eu também lia livros convencionais com a mesma avidez, além de ser muito bom em soletração — então, obviamente, os quadrinhos não estavam me fazendo mal algum.

Por muito tempo minhas histórias favoritas foram as de fantasmas. Adorava me assustar ou assustar meus amigos com as coisas que lia, ou com histórias que inventava sobre uma árvore na floresta que a gente chamava de "Árvore Inclinada". Sempre que passávamos por ela no escuro, era de arrepiar ver seu contorno nu e sinistro contra o céu. Eu ainda aprecio bastante histórias assombradas, muito embora ache que não acredito mais em fantasmas.

Eu tinha certeza que escreveria minhas próprias histórias quando crescesse. Gosto de colocar nesses termos: em vez de dizer "Eu sou um escritor", prefiro "Eu escrevo histórias". Se você coloca a ênfase em si mesmo e não no seu trabalho, corre o risco de achar que você é a coisa mais importante ali. Mas não é. A história é o que importa, e você é apenas um criado dela. Seu trabalho é só entregá-la a tempo e em boas condições.

A coisa mais valiosa que aprendi sobre escrever é continuar escrevendo, mesmo quando a história não lhe vem fácil. Não raro você ouve as pessoas falarem algo sobre "bloqueio do escritor" ou coisa do tipo, mas você alguma vez já ouviu um encanador dizer que estava com "bloqueio do encanador"? Ou um médico dizer que fora acometido por um "bloqueio do médico"? Claro que não. Essas pessoas trabalham mesmo quando não querem. Há momentos em que a escrita é muito difícil também, quando você não consegue pensar no que vai pôr em seguida na história, ou quando encarar as folhas vazias é um suplício terrível. Porém, seu trabalho é sentar lá e desenvolver alguma coisa.

Assim como continuar escrevendo, há muitas outras coisas que aprendi sobre esse ofício, e algumas delas vieram da minha experiência como professor. O que mais gostava naquela difícil e tão nobre profissão era contar histórias — contos folclóricos, histórias assombradas, mitos gregos. Fiz isso tantas vezes que conhecia essas histórias tão bem quanto conhecia a minha própria. Fazendo isso eu aprendi algumas das leis que regem uma história. Não regras, pois regras mudam. "Área livre para fumantes" pode virar "Proibido fumar" do dia para a noite se as pessoas decidirem que fumar é algo ruim. Mas as leis, como a lei da gravidade, não podem

ser mudadas: a gravidade está aí, quer você queira ou não. As leis de uma história funcionam do mesmo jeito. Uma história não resolvida não irá satisfazer o leitor — essa é uma lei. Se uma cena não faz a história caminhar, ela vai se perder no caminho — essa é outra lei. Você deve ter plena clareza de onde sua história irá começar — mais uma. E por aí vai.

Uma coisa curiosa sobre escrever histórias é que você às vezes sabe exatamente que tamanho elas terão, mesmo antes de pensar direito sobre como as cosias vão se desenrolar. Em *Fronteiras do Universo*, eu sabia desde o começo — mesmo antes de ter uma personagem principal ou de saber o que aconteceria com ela — que a história teria por volta de 1.200 páginas. Esse seria seu tamanho. Eu sabia também que entraria em um mundo ainda desconhecido para mim: o da fantasia. Anteriormente, todos os meus trabalhos mantinham os pés no realismo. Quando me lancei nessa nova jornada, descobri um tipo de liberdade e excitação que nunca havia sentido antes, e essa é uma das alegrias que a escrita nos dá: sempre nos encontramos diante de novas experiências.

Hoje eu vivo em Oxford e escrevo minhas histórias em um galpão nos fundos do jardim. Se aquele garotinho de outrora pudesse olhar um pouco no futuro e ver o homem que sou hoje, escrevendo histórias em seu galpão, ficaria ele satisfeito? Me pergunto. Será que aquela criança que amava os quadrinhos do Batman e histórias de fantasmas aprovaria os romances com os quais ganho a vida hoje? Espero que sim. Espero que ele continue comigo, pois escrevo estas histórias para ele.

Philip Pullman